
Tragédias e midiaticização: práticas memorialísticas em transformação¹

Mariane Ramos SANTOS²

Ana Paula da ROSA³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, RS

RESUMO

Este artigo tem por propósito problematizar as práticas memorialísticas desenvolvidas sobre as mortes por Covid-19 e as registradas nas enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, considerando as transformações sociais propiciadas pela midiaticização. Para isso, analisamos iniciativas do programa jornalístico Fantástico. Nota-se que o movimento elaborativo do jornalismo busca emular experiências digitais de memória.

PALAVRAS-CHAVE: memoriais; midiaticização; memória coletiva.

1. Memória e mídia: indícios de mudanças sociais

Narrativa e memória são dois elementos indissociáveis. E é esse imbricamento que nos interessa para olhar para as práticas memorialísticas que se atualizam e deslocam para espaços digitais, fortemente atravessados por lógicas de midiaticização. Por midiaticização entendemos, neste texto, um processo complexo, marcado por processos midiáticos, mas que não se vincula simplesmente com a ideia de mídia hegemônica, de conglomerados ou mesmo de meios e aparatos técnicos. A midiaticização na perspectiva latina volta-se para pensar as transformações sociais ocorridas ao longo dos anos, portanto de longo prazo (Verón, 2014), não apenas pelo surgimento de meios técnicos e tecnológicos, mas por uma mudança nos modos de ser em sociedade (Gomes, 2017).

Dentro desta perspectiva como pensar as práticas memorialísticas, hoje? Elas também se atualizam, se remodelam, embora tenhamos a coexistência de processos novos com outros muito antigos. Encontramos com cada vez mais frequência memoriais vinculados à tragédias que tentam, a seu modo, significar tais acontecimentos. No mundo inteiro existem diversos memoriais que relembram episódios que marcaram a

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação no PPGCC UNISINOS, email mariramos.st@gmail.com.

³ Doutora em Ciências da Comunicação, Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia - UFRGS. E-mail: anarosa@ufrgs.br

história como é o caso do Memorial do Holocausto, do Memorial e Museu Nacional do 11 de setembro, além do Memorial 17 de Julho - acidente com o voo da TAM- e Memorial da Chapecoense.

Há, também, uma intensificação de “experimentos” memorialísticos deslocados do território físico para o digital.⁴ São páginas de homenagens às vítimas, memoriais concebidos para os movimentos do *flâneur* digital, considerando não somente a potência do acesso, mas também a da interação. Neste sentido, lançamos olhar neste texto para práticas memorialísticas desenvolvidas sobre dois acontecimentos recentes: as mortes por Covid-19 e as registradas nas enchentes no Rio Grande do Sul em 2024. Para isso, tomamos como objeto de análise empírica o programa jornalístico Fantástico, cuja gramática de produção (Verón, 2004) visa explorar a dimensão afetiva da memória, convocando a narrativa individual para abastecer e significar a memória coletiva dando concretude ao acontecimento. Nota-se que o movimento elaborativo do jornalismo busca se aproximar de discursividades e lógicas do ambiente digital, emulando experiências digitais de memória, como o memorial Os Inumeráveis, amplamente reconhecido por sua atuação na pandemia.

2. O papel dos memoriais nas tragédias: Covid-19 e enchentes no Rio Grande do Sul

A produção de memória envolvendo meios de comunicação não é um fenômeno recente. O jornalismo sempre lidou com essa dimensão de documento histórico, bem como forneceu espaços específicos, como o obituário, para homenagear e eternizar pessoas, preferencialmente, de destaque social. No entanto, enquanto o obituário se volta para a narrativa específica da biografia do sujeito morto, numa espécie de retrato póstumo, as iniciativas mnêmicas do jornalismo televisivo atual voltam-se para eventos de grande repercussão. Este é o caso do programa televisivo da Rede Globo, Fantástico, que está no ar na TV aberta há mais de 50 anos. Considerado uma revista eletrônica, o programa das noites de domingo lida com uma temporalidade diferente. Por ser semanal, tem como tônica de sua gramática de produção reportagens mais longas e

⁴ Este artigo é um fragmento da discussão em andamento na tese desenvolvida por esta autora e orientada pela prof. Ana Paula da Rosa, co-orientadora deste trabalho.

elaboradas, bem como produções gráficas e visuais que permitem repercutir acontecimentos, agenciando outros sentidos.

Dentre os acontecimentos abordados pelo Fantástico, recentemente, está a enchente que castigou o Rio Grande do Sul e atingiu mais de 90% dos municípios. Durante este acontecimento, muitas pessoas perderam a vida, ao todo foram 173 óbitos foram oficializados pela Defesa Civil gaúcha. Além das coberturas sobre os impactos do desastre nas cidades, surgiram diversas tentativas de abordar sobre aqueles que perderam suas vidas. O Fantástico exibiu em sua programação do dia 12 de maio uma reportagem especial dedicada às vítimas.

Figura 1: homenagem exibida no Fantástico sobre a enchente



Imagens retiradas do site GloboPlay

A homenagem em vídeo, atualmente disponível no site Globoplay⁵, inicia com as fotos e nomes das vítimas, acompanhada da narrativa de um familiar, onde na legenda aparece sua identificação, mostrando qual sua ligação com a vítima. As

⁵Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12608563/>

imagens, todas em preto e branco, e os vídeos se intercalam enquanto o familiar narra a história. Esta prática já havia aparecido no Fantástico em outra ocasião: em 2020, quando a pandemia de Covid-19 levou o mundo inteiro ao colapso, mostrando a gravidade da doença. O programa⁶ aderiu à iniciativa quando o número de mortes começou a aumentar rapidamente, em sinal, na época de evitar a transformação dos sujeitos em simples estatísticas.

Figura 2: homenagem exibida no Fantástico sobre a Covid-19



Imagem retiradas do site GloboPlay

Figura 3: imagem da homenagem exibida no Fantástico com narração de atores

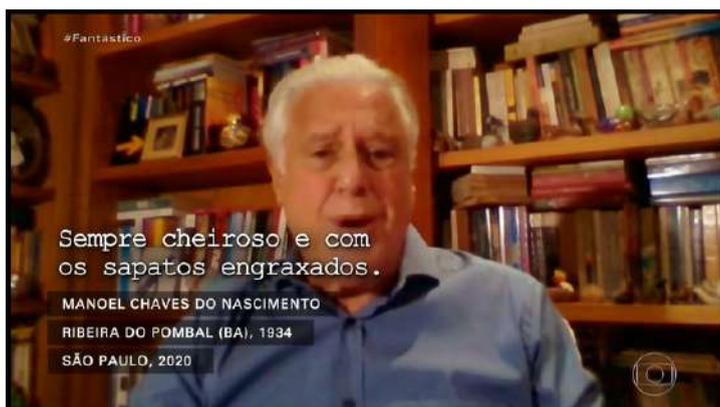


Imagem retiradas do site GloboPlay

⁶Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8544281/>

Figura 3: imagem da homenagem aos mortos do Covid exibida no Fantástico



Imagem retiradas do site GloboPlay

Na narrativa dos vídeos são abordadas questões sobre a pessoa que faleceu: trejeitos, características, personalidade, história de vida e momentos marcantes. Nos memoriais da Covid, quem conta esta história são os atores ligados a emissora Rede Globo de Televisão. Estes personificam e dão voz aos textos enviados por familiares. Já nos memoriais da enchente, são os próprios familiares das vítimas que enunciam e corporificam suas memórias.

Destacamos que, a proposta de homenagem televisionada possui características semelhantes à proposta pelos memoriais digitais online que surgiram a partir de 2020 com a pandemia. Não que tenham inaugurado uma prática completamente nova, mas os memoriais digitais passaram a reunir imagens e textos na composição de narrativas que tentam preservar as imagens dos mortos. Isto porque os corpos foram impedidos de serem velados durante a crise sanitária, pondo em xeque não somente o rito, mas também o momento simbólico da despedida. Numa tentativa de ressignificação da morte, surgiram os memoriais digitais, como o Inumeráveis, marcados pelas memórias involuntárias e pelas reminiscências de momentos de partilha. Foram os próprios familiares, a partir dos arranjos interacionais (Braga, 2017) propostos por estes espaços digitais que passaram a elaborar enquadramentos da memória, não mais refêns de uma política impositiva. Ao mesmo tempo, tal iniciativa foi vista, também, à época como uma forma de enfrentamento político ao apagamento das vidas perdidas pela ausência de medidas sanitárias mais eficazes.

A semelhança na homenagem conduzida pelo programa jornalístico, tanto em 2024 quanto em 2020, pode ser percebida em razão das fotos colocadas lado a lado nos painéis que surgem como imagem de abertura nos vídeos e de fundo no cenário do programa ao vivo. Além disso, podemos afirmar que o telejornalismo emula no espaço da televisão, tanto a iniciativa dos obituários do impresso quanto às dinâmicas interacionais do digital. Contudo, por ser uma emulação, busca alcançar os mesmos efeitos. Porém, as gramáticas são outras. Nos espaços digitais, a marca é a interação. Enquanto os memoriais online são colaborativos, inclusive com atualizações que duram para além do período dos acontecimentos a que se reportam, já que a proposta é manter memórias vivas, as práticas memoriais do jornalismo televisivo centram-se em evidenciar um apelo ao sensível, na tentativa de tangibilizar acontecimentos e perdas indescritíveis. Se, de um lado, os memoriais online focam-se nas pessoas e na força dos relatos, de outro, os memoriais televisivos focam-se nos acontecimentos, os quais a ausência das pessoas conformam e dimensionam a partir de tratamento, edição, música.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. Editora brasiliense, 1985, São Paulo.

BRAGA, José Luiz. **Matrizes Interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: Edupeb, 2017.

FANTÁSTICO. Os relatos de quem perdeu familiares na tragédia no RS. 12 de maio de 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12608563/>

FANTÁSTICO. Os relatos de quem perdeu familiares na tragédia no RS. 12 de maio de 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12590786/>

FANTÁSTICO. Brasil ultrapassa 11 mil mortos por Covid-19; Fantástico faz homenagem. 10 de maio de 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8544281/>

FANTÁSTICO. Joarlen, Selma, Antônio: Fantástico mostra quem são algumas das vítimas da Covid. 23 de agosto de 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8798608/?s=0s>

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiaticização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

HOSKINS, Andrew. The Mediatisation of Memory. In: Garde-Hansen, J., Hoskins, A., Reading, A. (eds) **Save As ... Digital Memories**. Palgrave Macmillan, London, 2009. https://doi.org/10.1057/9780230239418_2

ROSA, Ana Paula. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Intercom – RBCC**, São Paulo: v. 42, n. 2, pp. 21-33, May/Aug. 2019.

VERÓN, Eliseo. Teoria da mediação: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES** V.8 - N ° 1 jan./jun.2014. São Paulo - Brasil. p. 13-19.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.